

PASSAGEM, IMAGEM E APAGAMENTOS

PASSAGE, IMAGE AND ERASURES

Karina Rampazzo

<http://lattes.cnpq.br/5563851788463988>

<https://orcid.org/0000-0002-9421-5779>

karampazzo@gmail.com

Doutoranda em Design (UFPR) professora do Departamento de graduação e pós-graduação de Design Gráfico (UNIFIL).



Resumo: Proponho a fotografia como meio de documentação e expressão dos levantes sócio-políticos e das ações artísticas no espaço urbano. A narrativa visual apresentada como ensaio acontece no centro da cidade de Londrina em outubro de 2022. Dialoga com François Soulages (2010) e a fotografia como relação, Georges Didi-Huberman (2018) sobre a exposição Levantes e Walter Benjamin (2010) com a cidade como imagem e memória. Trago marcas deixadas como resistência precária das lutas e reivindicações ocorridas no local.

Palavras-chave: Fotografia; Narrativa visual; Levantes sociais; Intervenção urbana.

Abstract: *I propose photography as a means of documenting and expressing socio-political upheavals and artistic actions in urban space. The visual narrative presented takes place in the center of Londrina in October 2022. It dialogues with François Soulages (2010), Georges Didi-Huberman (2018) and Walter Benjamin (2010). I bring marks left as precarious resistance of the struggles and claims that occurred in the place.*

Keywords: *Photography; Visual narrative; Social uprisings; Urban intervention.*

SOBRE O ENSAIO

Perceber a rua como espaço de manifestação social, política e artística para, além de conceituar as ações, documentar as marcas deixadas na cidade, daquilo que foi, em outro momento, mobilização, reivindicação ou protesto. O ensaio evidencia tais vestígios, pretende destacar os cartazes, lambes ou pichações, qualquer mensagem restante em um espaço urbano específico. As imagens que documentei e recombinei, permitem novas narrativas visuais daquilo que aconteceu como discurso e se estabeleceu como imagem.

Parto, primordialmente, das considerações de François Soulages (2010) acerca do ato fotográfico, pois quando fotografo aquilo que restou nos muros, postes e fachadas, compreendo a fotografia como “articulação entre o que se perde e o que permanece” (SOULANGES, 2010). Este pensamento sustenta toda a dinâmica em procurar aquilo que ficou na rua. Penso que ao usar a fotografia como documento, recorto uma possibilidade de imagem daquilo que estava nas ruas. Recorto, ou seja, fotografo sob a relação entre o objeto fotografado — a rua —, o sujeito que fotografa — eu — e o material fotográfico — a câmera. A fotografia é o produto dessas condições de produção.

Outra influência foi Georges Didi-Huberman (2018) com o texto curatorial O peso dos tempos, dedicado à exposição Levantes, montada no Sesc Pinheiros em São Paulo em 2017. Explico, noto nas fotografias de Levante a ideia estético-política como um tipo de reflexão das emoções individuais e das ações coletivas nas ruas. Isto também ocorre enquanto fotografa o ensaio, pois, percebo a presença de diferentes formas de expressão pelas mensagens verbais e visuais na cidade. Alguém passou ali e deixou um stencil sobre o amor, outros passaram e deixaram um cartaz reivindicando greve. Subjetividade e coletividade em um mesmo espaço.

Posto em exposição estes pontos conceituais, abro o texto para a experiência da prática fotográfica. A caminhada foi realizada na cidade de Londrina, Paraná, sendo um trajeto curto pelas ruas centrais. Estas ruas são reconhecidas por, sistematicamente, serem ocupadas por grupos sociais e políticos e/ou ações individuais artísticas. Realizei a pé com total atenção para qualquer vestígio deixado. Comecei pelo Bosque Marechal Cândido Rondon — Bosque Central, descendo a Rua Piauí — entre os Correios, a Secretaria de Cultura, a Galeria Vila Rica e a Concha acústica, virando à esquerda, depois dos Totens em homenagem aos pioneiros de Londrina, atravessando a Alameda Miguel Blasi com a Catedral Metropolitana à esquerda, chegando na Rua Maranhão e passando em frente ao Cine Teatro Ouro Verde, seguindo pelo calçadão, passando em reta contínua até o antigo banco Banestado e finalizando no chafariz da Praça Jorge Danielides — antigo coreto, próximo a Rua Hugo Cabral e final do calçadão¹.

Conforme avançava, um conjunto peculiar de imagens ia se formando. Sem preocupação em separar por categorias, mas na intenção de registrar qualquer vestígio que chamasse atenção — fachadas, paredes, postes, vidraças, tapumes, muros — qualquer interferência gráfica era fotografada. Fotografar qualquer vestígio, foi determinado em campo, pois não

1. Orientação e consulta dos monumentos e ruas da cidade com Prof. Dr. Oigres Macedo (Departamento de Arquitetura e Urbanismo UEL) e membro do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Londrina.

existiam muitas marcas ou interferências conservadas, as que encontrava, já estavam muito deterioradas pelas intemperes ou ação humana. Pichações pessoais dividiam espaço com pichações políticas, adesivos poéticos e políticos, cartazes anunciam quartos de aluguel, mas reivindicam também pautas feministas. Lambe-lambes esquecidos, outros rasgados, deixando um pedaço para leitura, ou apenas a marca da cola na parede. Tinta e papel que já estiveram frescos. Texturas que se misturam no concreto, no vidro, no vão dos postes e lixeiras. Encontro muito mais a ausência do que a presença da mensagem impressa.

Neste momento relembro aqui o livro *Rua de mão única* de Walter Benjamin (2010). Ao caminhar, penso a cidade como pensou o autor, uma cidade possível por recortes — possível por imagens —, uma paisagem urbana como texto e o mundo como memória. Pela fotografia recorto, pelo texto descrevo, e a narrativa visual que se estabelece, ativa as minhas e todas as memórias de quem acessa o ensaio. Por isso a escolha em deixar a fotografia mais aproximada do objeto selecionado, uma fotografia de vestígios quase abstratos muitas vezes. Não me preocupo em mostrar o entorno, é o recorte aproximado a tentativa de trazer muitas outras cidades além de Londrina. Cidades que também são ocupadas por grupos sociais, políticos e artísticos

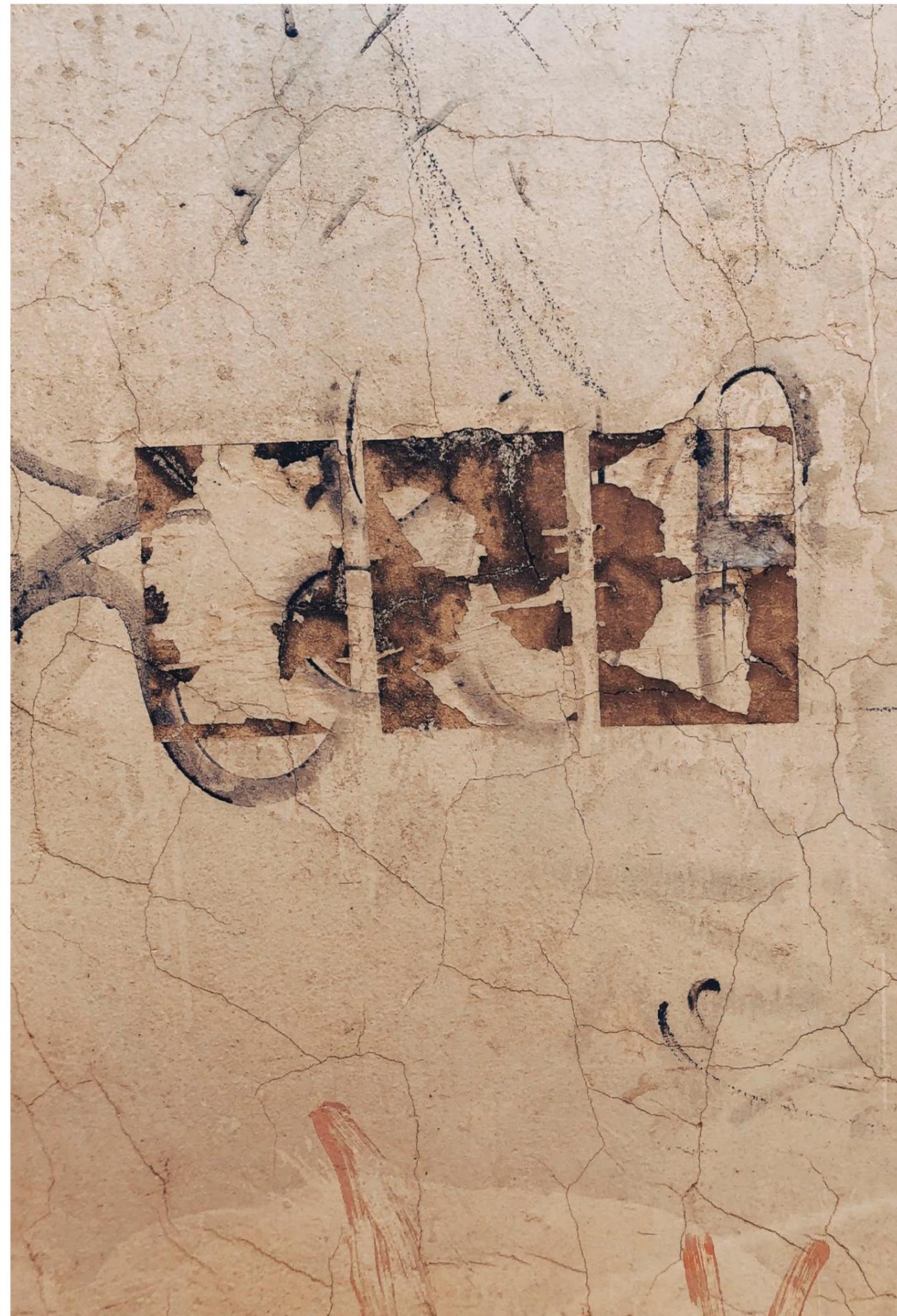
O resultado é um ensaio de apagamentos. Uma narrativa visual que evidencia o apagamento dos levantes e também das individualidades. Um ensaio daquilo que insiste, ou melhor, resiste, ainda que precariamente, muitas vezes, sem significado claro, mas repleto de sentidos. Destaco todas as imagens sem qualquer pista do que pode ter sido. Destaco a pichação “Fascismo mata”, ainda acessível por estar em um prédio sem manutenção. O lambe “Marielle e Matheus”, não retirado por estar encoberto em um poste. Ainda, curiosamente, “Greve geral” remanescente em fachada de banco. Finalizo com o adesivo “Desce do muro”, quase imperceptível em uma grande vidraça no antigo banco Banestado. O centro da cidade está limpo, invalidando muitas pautas, algumas tão potentes, que mesmo retiradas à força, permanecem como cicatrizes. Remanescentes de luta e poesia.

Referências

BENJAMIN, W. *Obras escolhidas II: Rua de mão única*. SP: Brasiliense, 2010.

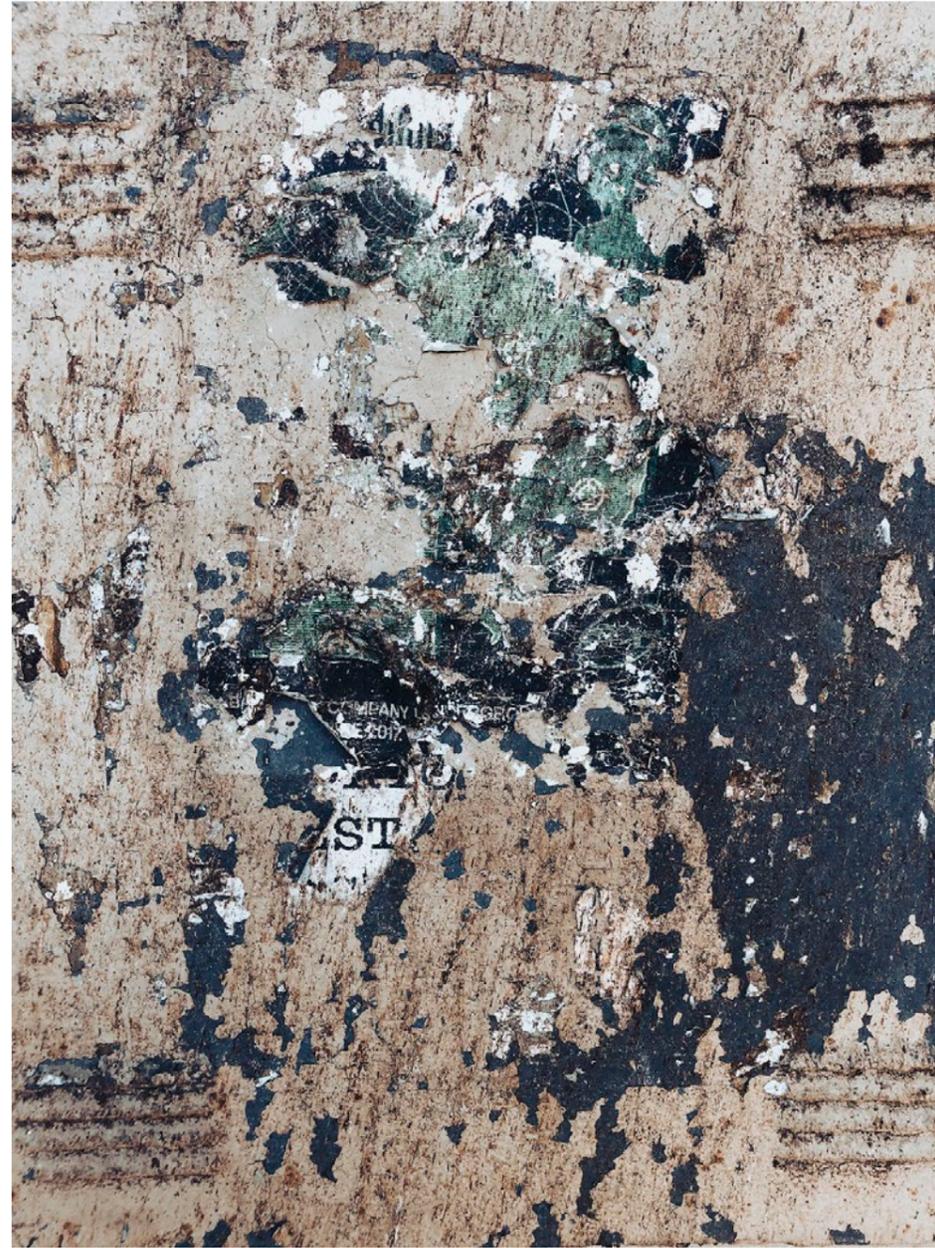
DIDI-HUBERMAN, G. *O peso dos Tempos*. In: *Levantes*. SP: Sesc SP, 2018.

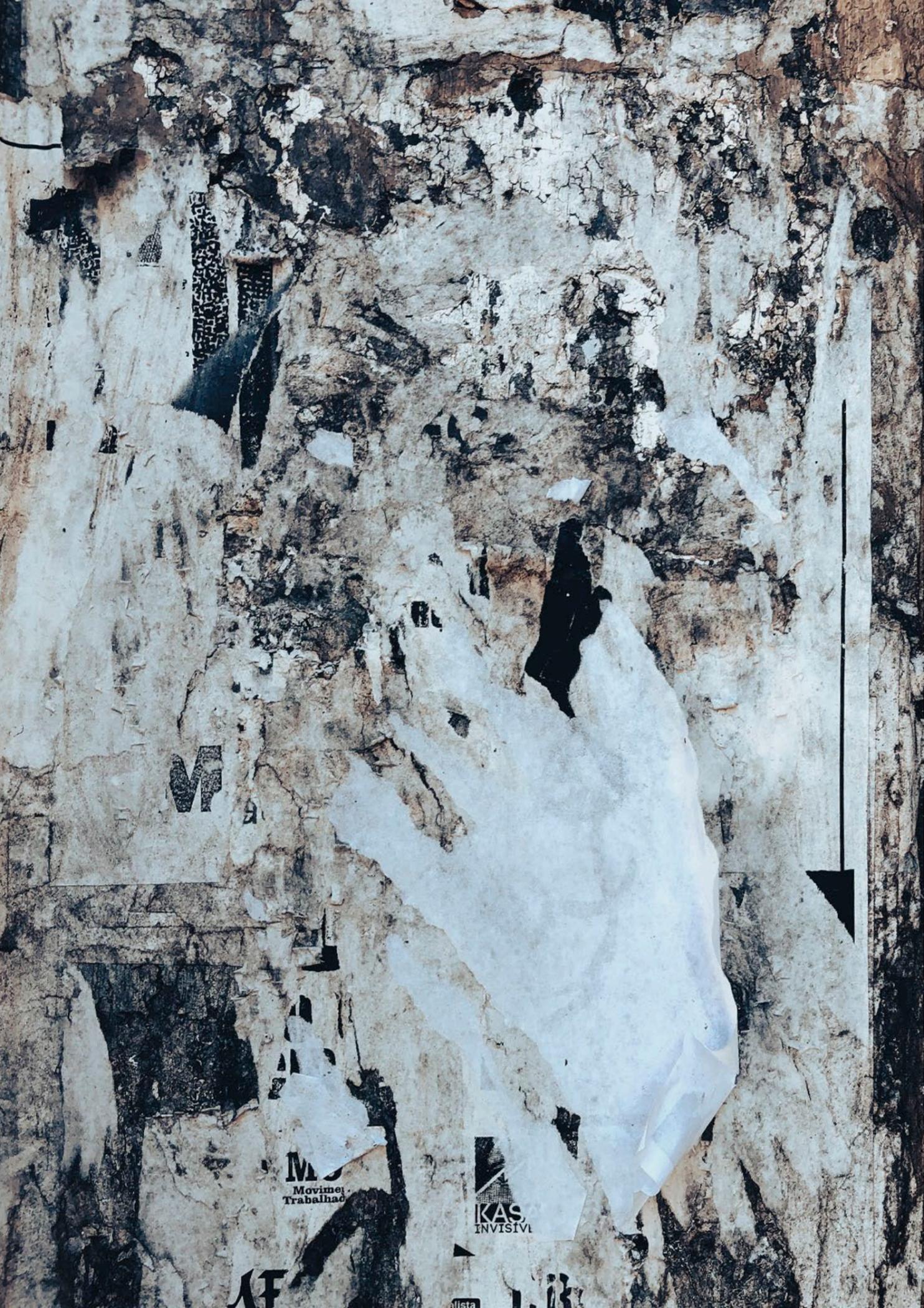
SOULAGES, F. *Estética da fotografia: perda e permanência*. SP: Ed. Senac, 2010.













DESCE DO MURO